

A poética da infância na construção do narrador

Cristina Helena de Souza Rocha

Orientadora: Angela Castelo Branco Teixeira

Resumo

A infância é um período da vida em que conceitos, objetos e signos presentes em seu ambiente não são mais que desafios para descobrir, perceber, sentir e entender o mundo. A aproximação com essas características consideradas próprias da infância pode influenciar a formação do narrador? Pode afetar a sua relação com as histórias, as pessoas, a ação de narrar?

Analisamos aqui algumas das características geralmente atribuídas à infância e de que modo podem ser identificadas com a atuação do narrador: o jogo, a brincadeira, o olhar inaugural sobre a realidade, a disponibilidade para observar longamente a vida, os seres e os objetos, a imaginação que toca na realidade.

Dialogando com Larrosa, Benjamin, Nelson d Oliveria, entre outros autores, escutando crianças e poetas, nota-se que a aproximação com aspectos próprios da infância pode influenciar a formação do narrador. Porém, não há como determinar se está diretamente relacionada com alguma característica que o constitui. Ao final, o testemunho da autora, pautada em sua própria infância, sua longa jornada como educadora de crianças, estudiosa da infância e escritora, revela como a aproximação com certas características atribuídas à criança afetou e afeta a sua atuação como narradora.

Conclui, afinal, que a poética da infância é a melhor parte que a constitui como narradora.

Palavras chave: Narrador, infância, poética, experiência

Introdução

Trinta anos de experiência na educação de crianças, especialmente as de quatro a seis anos. Impossível a rotina, a estabilidade de projetos e propostas. Perguntas sem respostas. Um dia após o outro, ao longo desses

anos, fui desafiada a olhar de outro modo, imaginar o impossível, questionar o óbvio.

Talvez por esse trajeto de vida na presença das crianças mantive acesas em minha forma de ser e estar no mundo, experiências de minha própria infância. O gosto pelo jogo, pela brincadeira, pela graça, pelo olhar “inaugural” sobre coisas velhas e gastas, a sede de descobrir mistérios, o hábito de dar novos sentidos às palavras, a surpresa diante de simples fenômenos, a busca de explicações para tudo.

Assim entendo crianças e adultos e sou entendida por eles. Quando conto histórias, me sinto desafiada a entrar nesse universo criativo e lúdico. O meu “narrador” é um adulto, com responsabilidade, formação, preparo, porém com tempero de criança. A história me pede: “conte de novo e de novo e de novo!”

O contato permanente com as crianças, pontuado de afetos, me leva então a refletir sobre o contexto atual: a competição e a construção de paradigmas unívocos, uníssonos e utilitários aos poucos vão vitimando a experiência.

O tempo cronológico segue ritmo diferente do humano. Parece que o mundo moderno não acolhe e não comporta esse olhar da criança. Ao contrário, sabota o que é próprio da infância, buscando antecipar sua inserção no universo adulto e do consumo de objetos, ideias e ideais, em prejuízo da experiência. Como diz Larrosa:

Uma vez vencido e abandonado o saber da experiência e uma vez separado o conhecimento da existência humana, temos uma situação paradoxal. Uma enorme inflação de conhecimentos objetivos, uma enorme abundância de artefatos técnicos e uma enorme pobreza dessas formas de conhecimento que atuavam na vida humana, nela inserindo-se e transformando-a. A vida humana se fez pobre e necessitada. (LARROSA, 2002: 28)

Por isso, neste trabalho, vou tratar de questões próprias da infância como momento privilegiado da experiência, conforme veremos logo adiante.

A infância está relacionada à cultura, à linguagem, ao jogo, à curiosidade. Apresenta-se, então, a seguinte questão: aproximar-se desses aspectos que são considerados próprios da infância pode afetar a formação do

narrador e impactar a sua relação com a narrativa e com as pessoas? É possível o narrador constituir-se como sujeito da experiência?

Para essas reflexões, a partir de agora, estarão presentes, em meio a concepções e discussões teóricas, vozes de algumas crianças e de alguns poetas. Ambos se aproximam por evidentes afinidades, ao verem, sentirem e tocarem o mundo com a seriedade da brincadeira.

1. A poética da infância

Jorge, cinco anos, encontra um grafite no chão e vai mostrar à professora. Ela pergunta o que é aquilo, e Jorge responde:
– É a letra do lápis! (ROCHA, 2013)

A poesia não tem uma única definição. Como diz Nelson de Oliveira:

O fato é que a poesia, como nós a entendemos, está em toda parte, em toda arte: na música, na arquitetura, no teatro, no cinema, na literatura. Mais do que um tipo específico de texto, ela é uma qualidade. Poesia vem do grego *poiesis* (de *poiem*, ação de fazer algo, criar, fabricar, transformar), pelo latim *poese* + *-ia*. (OLIVEIRA, 2008: 28)

Verificamos a conexão da palavra “poesia” com uma ação, criação. Não é sinônimo de poema, não é também exclusiva à literatura. Mas pode ser identificada com expressões que provocam “emoção estética”, como o mesmo autor coloca em relação à literatura: *Inúmeras são as definições dessa poesia literária, da palavra escrita, dessa qualidade impalpável capaz de, sempre que presente na prosa e no poema, provocar a emoção estética.* (OLIVEIRA, 2009: 28)

Neste trabalho, a poética da infância se refere tanto ao aspecto ativo e criativo próprio da infância em sua relação com o mundo, como também à “emoção estética” que nos põe em contato com suas formas de expressão e atitudes inusitadas. Ainda que de modo não intencional, pois a criança normalmente não tem intenção de surpreender o outro, sua expressão no mundo é essencialmente poética.

Vamos buscar a definição de grafite: *A grafite corresponde a uma das quatro formas alotrópicas do carbono, [...] pode ser usado em lápis ou lapiseiras* (Wikipédia). Ou, como diz Jorge: “A letra do lápis”.

“A letra do lápis” é de fato uma definição poética. É uma postura ativa, criativa, a partir de sua observação do uso do material. Entretanto, ele poderia dizer: “É para escrever”, “É a ponta do lápis”.

A poesia não está apenas nas palavras, mas também em inúmeras situações típicas da infância. Por isso, tratamos aqui da “poética da infância”. A poética da infância nos surpreende, ressignifica as palavras, os objetos ganham vida e outros sentidos, a vida é um vasto campo de descobertas.

Este trabalho é banhado pela poética da infância. Suas vozes, ao mesmo tempo que ilustram algumas características da infância, são sempre impregnadas de poesia.

A poética da infância nos inspira, faz emergir o gosto pela poesia, fortalece a liberdade de criar. A sua aproximação pode contagiar o narrador. Ele pode se tornar um “narrador poético”.

2. A experiência: breve diálogo com Jorge Larrosa

Andreza e Bruno, cinco anos. Ela é uma criança com deficiência. Produz sons incompreensíveis. Bruno, no parque, ao lado dela, falava e escutava. Depois foi correndo contar:

- Professora, eu estava conversando com a Andreza.
- É mesmo? E o que ela disse?
- Não sei, ela fala inglês! (ROCHA, 2013)

Experiência *ex.pe.ri.ên.cia sf (lat experientia)* **1.** Ato ou efeito de experimentar. **2.** Conhecimento adquirido graças aos dados fornecidos pela própria vida. **3.** Ensaio prático para descobrir ou determinar um fenômeno, um fato ou uma teoria; experimento, prova. **4.** Conhecimento das coisas pela prática ou observação. **5.** Uso cauteloso e provisório. **6.** Tentativa. **7.** Perícia, habilidade que se adquirem pela prática. (In: <http://michaelis.uol.com.br>, acesso em 30/07/2016)

Notamos que a palavra *experiência*, em documentos voltados para a educação, filosofia e ciência, geralmente é utilizada com as acepções registradas acima. Refere-se a situações práticas, ações humanas que podem

ou não trazer conhecimento. São definições dessa palavra no âmbito da relação teoria/prática.

Não é o dicionário, porém, que nos ajuda a expressar o que significa para nós “experiência” neste trabalho. O significado mais coerente e sintonizado com a nossa proposta é a perspectiva de Larrosa:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2002: 21)

Nesse sentido, a experiência exige presença no agora, para que algo nos aconteça. Exige tempo humano de observar, interpretar, sentir, ser afetado pelas pessoas, pela realidade. E também afetar seu ambiente, as pessoas. Isso é agir e interagir afetivamente. Quando algo nos acontece, nos toca, tocamos, esbarramos a vida, de modo concreto ou no espaço sutil, na ponte invisível que se estabelece entre o eu e o outro, o eu e o mundo. Assim se aprende, se apreende.

A experiência exige tempo, imersão, disponibilidade. Vejamos por exemplo o que ocorre no episódio relatado. Bruno, mesmo sem entender lógica e linguisticamente Andressa, estabelece com ela uma conversa. E dedica longos minutos nessa interação de ouvir e falar. Se um não entende a linguagem do outro, ora, isso não é obstáculo. A conversa pode continuar (em “inglês”).

Por essa razão dizemos que a infância é o período privilegiado da experiência. Há uma abertura intensa para as descobertas ou simplesmente para olhar, prazerosamente olhar.

Um menino de 7 anos caminha descalço, por um povoado deserto. É hora da sesta e só ele, os insetos e a brisa entre os álamos continuam acordados. Esse menino, que agora brinca com as pedras – descobrindo rugosidades, lisuras, texturas –, não tem ideia do que é trabalho nem por que a maior parte dos adultos tem a voz amarga. Olha para o céu, fecha os olhos para não ficar cego com a luz violenta do início da tarde. Não se pergunta pela injustiça. Só deseja que esse instante não acabe nunca. (SKLIAR, 20014: 47)

O corpo em constante mutação é definitivamente algo que nos passa, nos afeta e afeta a nossa relação com o outro. Subir em árvores, cavar túneis, pular corda. À medida que vamos crescendo nossos movimentos se tornam cada vez mais precisos, o que nos leva a ver, tocar e estar no mundo de outra forma. Por outro lado, como veremos adiante, o jogo, a brincadeira nos permitem esbarrar e tocar um universo onde o que nos acontece não está na concretude do espaço/tempo. É a experiência com o imaginário, com o simbólico. A experiência do grupo, do coletivo, do “si mesmo” cada vez mais conectado ao outro.

Nessa condição de criança não há como não (se) afetar (com) o outro, (com) a realidade. Estamos completamente receptivos à interação com o outro, às cores e mistérios do mundo. Temos a iniciativa de olhar e olhar, ouvir e ouvir. E construir nossa voz. É justamente quando somos mais intensamente sujeitos da experiência. Como define Larrosa:

Sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2002: 24)

Um ditado diz que “tudo passa”. Tudo o que acontece, de fato, passa. Porém, tudo o que nos acontece, toca e afeta nos constitui e permanece.

3. Sobre a infância

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças. (Manoel de Barros)

Não tratamos aqui da infância no sentido do desenvolvimento ou da aprendizagem. Tampouco sob o olhar romântico e saudosista da infância “inocente” e “pura”. Também não falamos de “resgate da infância”, uma vez que não somos pessoas divididas em partes: infância, adolescência e maturidade. Somos síntese de tudo isso e, portanto, uma rica personalidade singular. Acontece que certas formas de estar, sentir e agir no mundo vão se sobrepondo

em importância a outras na medida em que crescemos, nos desenvolvemos e nos tornamos humanos em determinada sociedade. Porém, de acordo com o que nos acontece, iluminamos um momento, um período, uma experiência de nossa trajetória. O tempo cronológico é externo à mente humana. Nela, as experiências não são organizadas linearmente na distância ou proximidade do tempo cronológico. Experiências diversas convivem e são acessíveis sempre.

Dessa forma, a infância se refere a uma etapa da vida em que o olhar inédito, inaugural sobre o mundo abre espaço livre para a experiência. Um período em que o corpo e a fala formam um todo expressivo e dinâmico, tocando e esbarrando sensivelmente o mundo ao redor. Um período em que, sem um sentido imposto ou construído sobre os fenômenos e os signos, qualquer sentido é possível. Nessa busca de desvendar o mundo, sua linguagem é poética, simplesmente por ser inusitada e esvaziada de preconceitos. Os objetos não existem em função de sua utilidade prática, mas podem transcender mágica e criativamente pelo jogo qualquer outro objeto. No mundo inteiro, ainda somos assim.

Daí o caráter poético da linguagem da criança, que está porosa para um dizer próximo das coisas, um nomear próximo do acontecimento e não uma conformação à palavra que pode matar o espanto, o susto com as coisas do mundo.

a) Infância e cultura

Na escola, crianças de quatro e cinco anos. Achamos um passarinho morto no parque...

Episódio 1: Viva a diversidade!

“Nós vamos devolver o corpo do passarinho para a terra, a mãe natureza. A vida não está mais aqui...”

“A vida do passarinho foi pra outro mundo...”

“Ela virou uma estrelinha...”

“Foi pra outro planeta...”

“Foi pra Jesus...”

“Foi pra outro passarinho...”

Moral da história: as crianças têm todas as respostas... e todas elas são verdadeiras, refletem suas vivências, seu contexto simbólico, social e cultural. Quem poderia ser mais completo do que todos juntos?

Episódio 2: Entre o céu e a terra há mais coisas do que pode supor nossa vã filosofia.

“Professora, por onde saiu a vida do passarinho?”

“Pelo buraquinho que tinha no pescoço dele?”
“Boa pergunta, Guilherme...”
Moral da história: ...! (ROCHA, 2013)

Desde que nascemos, estamos imersos em uma determinada cultura, com seus signos, cosmovisão, linguagem, objetos construídos historicamente e que fazem sentido para essa determinada comunidade. Quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem. Entendemos por cultura, então, o conjunto de práticas por meio das quais significados são constantemente produzidos e compartilhados em um grupo. A utilização da linguagem nessa construção, portanto, define relações de poder, valores e conceitos. Nesse sentido, diz Larrosa:

E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras. (LARROSA, 2002: 21)

Quando uma criança vem ao mundo, renova potencialmente sua cultura. Não é um ser passivo a absorver o que vem de seu ambiente. Ela busca, desde cedo, interagir e apropriar-se dos significados da linguagem, das ações, dos conceitos de sua cultura. Esse processo, porém, é também uma recriação. Alguns exemplos:

- Cria formas singulares de comunicação, generaliza regras e gramática da oralidade, por exemplo: “eu fazi”, em vez de “fiz”.
- Interpreta livremente os conceitos que circulam nas igrejas, escolas, famílias. Como neste episódio: João pergunta ao professor: “Por que Deus não faz assim (bate palmas) e as flores vivem de novo?”.
- Expõe conceitos e preconceitos comuns em seu ambiente cultural. “Ele não pode brincar de boneca”. Ou: “eu vou ajudar porque ele é pequeno.”

É só escutar as crianças, e muitas outras situações semelhantes vão aparecer.

No diálogo entre as crianças sobre a morte de um passarinho, podemos perceber as crenças e informações que elas já trazem de seu contexto familiar, cultural, religioso. Entretanto, o que vemos no diálogo acima é a percepção singular da realidade, nas mais variadas interpretações que fazem, dos conhecimentos e experiências familiares e culturais. A vida do passarinho morto “foi para outro passarinho” (reencarnação?).

Os esquemas de formação de conceitos e apropriação de signos presentes em sua cultura ainda são abertos a essas diferentes percepções, não são fórmulas fechadas, verdades formatadas. Como diz Larrosa em *Pedagogia Profana*:

Não há uma experiência humana não mediada pela forma e a cultura é, justamente, um conjunto de esquemas de mediação, um conjunto de formas que delimitam, dão perfis às coisas, às pessoas, inclusive a nós mesmos. [...] Mas quando uma forma converte-se em fórmula, em bordão, em rotina, então o mundo se torna fechado e falsificado. (LARROSA, 2001: 49)

Para as crianças, a cultura e seus objetos, signos e representações, os fenômenos e os mistérios da vida são um sistema aberto, em que todas as perguntas são possíveis, todas as respostas podem ser válidas.

b) A criança, o jogo e a brincadeira

Lili vive no mundo do faz de conta...
Faz de conta que isto é um avião.
Zzzzzuuu...
Depois aterrizou em um piquê e virou um trem.
Tuc tuc tuc tuc...
Entrou pelo túnel, chispando.
Mas debaixo da mesa havia bandidos.
Pum! Pum! Pum!
O trem descarrilou.
E o mocinho?
Onde é que está o mocinho?
Meu Deus! onde é que está o mocinho?!
No auge da confusão, levaram Lili para cama, à força.
E o trem ficou tristemente derribado no chão,
Fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.
(*Lili Invento o mundo*, Mário Quintana, 1994)

Um jeito de ver, sentir, apreender e tocar o mundo, na interação lúdica e criativa. Com a cultura, com objetos, com papéis sociais, crenças. Na brincadeira inventamos monstros para temer, heróis para imitar, situações da vida adulta para entender. É como formamos nossos conceitos, valores que depois acabam por se “petrificar” ou “cristalizar em hábitos e visão de mundo. Como afirma o ensaísta Walter Benjamin:

É a brincadeira e nada mais que está na origem de todos os hábitos. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se, devem ser inculcados no pequeno ser através de brincadeiras, acompanhados pelo ritmo de versos e canções. É da brincadeira que nasce o hábito, e mesmo em sua forma mais rígida o hábito conserva até o fim alguns resíduos da brincadeira. Os hábitos são formas petrificadas, irreconhecíveis, de nossa primeira felicidade e de nosso primeiro terror. (BENJAMIN, 1984: 253).

A brincadeira, porém, não é apenas uma forma de apropriação desses conteúdos; ela cria um universo onde as formas e significados são voláteis. É um horizonte aberto à criatividade. Lili sabe que a lata de sardinha é ... uma lata de sardinha. Não é que ela acredite que é um trem ou avião. Mas pode ser, faz de conta. Por que não? Mas a lata só volta ao seu destino original fora do jogo de faz de conta. Certamente, para a maioria adultos uma lata de sardinha vazia é ... lixo! A magia não está na lata de sardinha, não está somente na criança, mas na relação de brincadeira que a criança estabelece com o objeto.

Para estabelecer essa relação, a criança tem preferência por objetos descartados como potes, tampas, latas, toquinhos de madeira, pedrinhas. Geralmente coisinhas sem importância para o mundo dos adultos. Porque objetos assim expostos ao seu olhar flexível podem ser o que ela quiser. É uma atividade que não se pauta pela lógica, pela linearidade, mas pela sensibilidade, criatividade. Um tipo de rebeldia não intencional em relação ao mundo muitas vezes restrito à lógica, formatado e prático. Diferente do sonho, a imaginação é a imagem em ação no jogo e por ele. Não é onírico, mas não deixa de ser uma estratégia de transcender e recriar a realidade. É o tempo/espço da experiência.

As crianças mais velhas participam de jogos coletivos. Ah, os amigos. É preciso que o grupo se organize, negocie, compartilhe regras, lide com vitórias

e derrotas, administre e resolva conflitos. Experiências que nos acontecem na infância e das quais, no mundo adulto, nos afastamos cada vez mais. Como diz Anita Helena Schlesener, em seu artigo “Educação e infância em alguns escritos de Walter Benjamin”:

A criança, como o jovem que ainda não se adaptou às exigências do mundo adulto (do trabalho e da razão instrumental), está aberta a recepção das semelhanças sensíveis e sua formação individual se produz como aprendizado (e criação) do mundo. Assim, a experiência infantil da brincadeira, da expressão mimética e lúdica, se constitui como o germen do novo que pode ser contraposto à experiência do adulto, adaptado às condições do mundo regido pelo modo de produção e de representação modernos. A criança mantém vivo algo que se perdeu na história da modernidade e que tem como paralelo o que os intelectuais identificam como a crise da experiência. (SCHLESENER, 2011)

A brincadeira e o jogo são a respiração da infância. Impedi-los, impor a lógica e o conhecimento dos adultos sobre sua fantasia é sufocá-la, matando sua essência, não apenas de criança, mas de ser humano.

Como diz Benjamin: *Não há dúvida que brincar significa sempre libertação.* (BENJAMIN, 1984: 64)

4. Trajetória de uma narradora

Qual é a espécie?

Luiz fala para a professora que o seu amigo Jonathan havia lhe falado que era um sapo. A professora então intervém:

– Mas, Luiz, sapo é um animal, não um ser humano.

E Luiz, com toda a naturalidade:

– É ser humano. O príncipe não pode virar sapo? (ROCHA, 2013)

“Mãe, por que a gente não anda de quatro?”

“Será que a barata sabe que ela é ela e que eu sou eu?”

Entre muitas perguntas, poucas respostas, e mastigando palavras para extrair o sabor de seu sentido, **eu** era criança. Porém, crescer não apagou esse sabor, ao contrário, aguçou.

Adulta, escolhi trabalhar com as crianças. Em vez de apenas ensiná-las, transmitir saberes estabelecidos, optei pela escuta. Essa escuta foi pontuada de surpresas, sustos, profundidades, singelezas. Preferia me alongar em um diálogo sobre “o príncipe pode virar sapo” – e, portanto, ver que o conceito de humano se flexibiliza, sob o olhar de quem não tem fórmulas para definir conceitos – a apresentar a “verdade” sobre o que define um ser humano. Aliás, o que mesmo define um ser humano?

Essa escuta me trouxe histórias. Histórias tristes, sob o ponto de vista de quem ainda busca entender o sentido de certas atitudes e relações entre as pessoas.

Felipe aparece cada dia com uma cicatriz. E para cada uma inventa uma história. Sua avó o proibiu de dizer a verdade. Ela o tortura. Agora está em um abrigo. Sua voz está em mim e o susto ainda me deixa atônita, me afeta. Como criava uma narrativa perfeita para cada cicatriz?

Quando decidi escrever o meu livro *Memórias.com/partilhadas: vida, laços, ponto cruzados* (ROCHA, 2013), lá estavam elas, as crianças. Pulando da minha alma para a folha. O exercício da “escrevinhadura” contribuiu muito para esta reflexão. O livro traz retalhos de memórias de minha infância e também da minha experiência como educadora em contato com as crianças. Além disso todo o seu conteúdo é pontilhado por certo humor e ludicidade. Ali estão acontecimentos, experiências além do tempo, o que me leva a concluir que tudo o que nos acontece, nos afeta, vai para a alma. Alma no sentido humano, de tudo o que somos. E transborda.

Um extraordinário leque de histórias, afetos, experiências, supressas me aconteceu. A escuta das crianças me constituiu. Sapo é ser humano?

5. Contribuições da infância na constituição do “narrador”

Há um menino, há um moleque
que vive dentro do meu coração.
Toda vez que o adulto balança
ele vem para me dar a mão.
(*Bola de meia*, Milton Nascimento)

Não se trata aqui de um ensimesmar-se, ficar elucubrando sobre a própria infância ou forçando uma espécie de “alegria” artificial para atrair o público. Mas algumas evocações do modo como a criança se coloca na vida se relacionam com a realidade e podem conduzir ao caminho da “criança de espírito”:

O caminho na direção da criança de espírito não é nem memorização nem caminho de retorno, mas uma cuidadosa renovação de palavras e uma tenaz pré-ocupação em dar forma às coisas da natureza dos homens, em ler o mundo de outra maneira, da qual possa surgir um começar plenamente afirmativo, formalmente “selvagem”. (LARROSA, 2001: 46)

A infância nos conduz ao caminho da essência inovadora e nos desafia a renunciar temporariamente aos conceitos, verdades e preconceitos que aprendemos e herdamos da sociedade. Entendemos aqui essência pela perspectiva de Grotowski, em seu texto *Performer*:

Essência: etimologicamente, é uma questão de ser, ser sendo. Essência interessa-me porque nada nela é sociológico. É aquilo que não se recebeu dos outros, o que não veio do exterior, o que não é aprendido (GROTOWSKI, 2010).

Reencontrar “a criança de espírito” talvez possa abrir espaço para um “si mesmo” mais presente, consciente de cada gesto, cada momento. Um narrador atento a pormenores que ele pode descobrir em si e no outro. Não para uma improvisação constante, mas para se reapropriar de experiências essenciais da infância que levem à redescoberta de sua própria poética, ludicidade, criação.

a) Um olhar inaugural

– Professora, amarra o meu sapato?
A professora, notando a falta do “fazendo um favor”, corrige:
– Fazendo o quê?
E Gabriela responde:
– Um lacinho!
(<https://emeimiltonsantos.wordpress.com/crianca-diz-cada-uma/>
acessado em 03/07/2016)

Resposta inusitada, do ponto de vista do adulto: “um lacinho” (?). “Fazendo”, para a criança, é algo que se realiza no mundo. Uma ação direta. Assim talvez pense Gabriela. Embora treinada muitas vezes para o “fazendo um favor”, para ela, essa é uma expressão vazia. Uma expressão à qual não consegue dar sentido. Para o adulto, o “fazendo” em forma de interrogação só tinha uma função: fazer a criança repetir a única resposta esperada: “fazendo um favor”. Mas ela não repete. Seu olhar está posto no cadarço, na situação que foi resolver com o adulto e não nas regras de etiqueta sociais. É possível ao adulto encontrar esse outro jeito de olhar, quase óbvio, livre, sem formatação.

Um modo de olhar, escutar como se fosse a primeira vez, como se nunca tivesse visto ou ouvido aquela história, como se aquelas palavras fossem repetidas com outro sentido. Quando o narrador evoca esse olhar inaugural, próprio da infância, suas palavras se libertam. Abre espaço para dialogar com a história infinitas vezes. Torna-o disponível para reinventá-la, ainda que dizendo e ouvindo as mesmas palavras. O narrador faz de conta que não conhece essa história. Faz de conta que é a bruxa, a árvore, a casa, a voz do vento. Ao dizer “faz de conta”, penetra no universo a realidade imaginária, libertando-se de esquemas conceituais que formatam e direcionam o olhar do adulto. A floresta está ali com seus mistérios, clareiras, escuridões, sons, perfumes, brisa. É susto e suspense.

De repente o narrador pode surpreender-se, suspender-se por uma palavra, um fato. Dessa forma, entregue à experiência, é tomado por ela, e mesmo sem saber, se move, se transforma, transborda. Deixa-se possuir por novos sentidos, para velhos dizeres, surpreender-se com o inusitado, está aberto ao imprevisto. Vai ao encontro da palavra própria. Um narrador em eterna construção.

b) Em estado de jogo

Agora eu era herói
E o meu cavalo só falava inglês.
A noiva do cowboy era você,
além das outras três.
(*João e Maria*, Chico Buarque de Holanda)

O tempo do jogo é um agora atemporal. No jogo, o tempo e o espaço ganham dimensões diferentes. A interação se dá em um universo de símbolos, representações de papéis sociais, imaginação sem fim. Agora eu era... (o rei? a mamãe? o cachorro? o herói?). O cabo de vassoura era o cavalo (que falava inglês?). O corpo inteiro se entrega em experiência única. O pega-pega de um dia não é o mesmo pega-pega do outro dia.

A repetição, para a criança, torna-se a vivência de uma experiência prazerosa e mágica pela qual se produz o conhecimento do mundo. Para o adulto, repetir é um mecanismo de controle, que serve para “aliviar seu coração do medo e gozar duplamente sua felicidade quando narra sua experiência”, isto é, a reduz aos limites da representação. (BENJAMIN, 1984: 253)

Na brincadeira e no jogo, a pantomima, simultânea à palavra, forma um contexto expressivo, que pode ser entendido e compartilhado com outros participantes do jogo.

Espírito disponível ao jogo. Assim o narrador pode se colocar. Algum imprevisto acontece? No jogo há uma saída, a mudança de rumo é permitida. Não se trata de caricaturizar personagens, divertir o público, mas deixar fluir a narrativa. Para fruir a narrativa, compartilhar com o público o mundo do “agora eu era”, com a verdade do jogo que não é brincadeira.

Como diz Castriota: “A brincadeira, embora feita de repetição, não é mera imitação, mas é uma forma libertadora de relação com o mundo” (*apud* SCHLESENER, 2001).

c) Inventar palavras, “trapacear” a língua: o narrador entra no jogo da linguagem

Thiago chega à escola mostrando a cicatriz de um pequeno corte na mão.

Tão grande que, com esforço, a professora conseguiu ver (eles adoram mostrar o tamanho da cicatriz). Então perguntou para ele:

– Nossa! O que foi isso?

E ele:

– Hum... Acho que foi um “rasgamento”.

(<https://emeimiltonsantos.wordpress.com/crianca-diz-cada-uma/> acessado em 26/07/2016)

Um “rasgamento” é uma forma inusitada para dizer um “corte”. É possível para a criança expressar-se por meio de palavra própria, literalmente inventada e altamente adequada à situação.

Para nós, adultos, a língua segue leis, regras, convenções. De certo modo nos oprime, nos enquadra. Como diz Roland Barthes:

A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva. [...]. Jákovson mostrou que um idioma se define menos pelo que ele permite dizer do que por aquilo que ele obriga a dizer. (BARTHES, 2004: 11)

O narrador pode, porém, como a criança, transcender esse limite. Pensar e dizer de modo incomum, surpreendente e belo. Uma forma de “trapacear” a língua, como um horizonte aberto de possibilidades, um lugar e tempo em que é possível criar formas de dizer, fazer-se entender sem freios ou censuras. Inventar novas vestes para expressar ideias é uma espécie de “trapaça” da língua. É poesia, é literatura que o narrador adulto se esforça por alcançar.

Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*” (BARTHES, 2004: 15).

Essa liberdade do narrador possibilita definir o indefinível e dizer o indizível. Guimarães Rosa, por exemplo, em *Grande sertão: veredas*, nos presenteia com sua narrativa inovadora, pontilhada de conceitos, definições, reflexões, aventuras e desventuras. Que modos são esses de seu dizer que nos arrebatam? Um narrador lindamente “trapaceador”. “Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade. Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor. O que eu quero, é na palma da minha mão” (ROSA, 2001: 353).

“Sentente”, de algum modo, se parece com “rasgamento”.

Conclusão

Aconteceu comigo

Conto histórias para crianças internadas. Yuri, 11 anos. Criança com um desses transtornos psiquiátricos graves. Escolheu o livro *Bruxa, bruxa venha à minha festa*. É um livro em que as ilustrações são grandes e instigantes. Bruxa, dragão, tubarão, pirata... Todos com um jeito deliciosamente assustador, provocativo. Então comecei: “Bruxa, bruxa, por favor, venha à minha festa”. Yuri gritou: “Bruxa assassina!”. Sua mãe, que estava ao lado, arregalou os olhos e já vinha uma palavra, uma censura talvez. Então refiz rapidamente a frase: “Bruxa assassina, bruxa assassina, por favor, venha à minha festa”. Yuri riu a valer. E a partir daí ia desfilando “qualidades” para as personagens: dragão maldito, pirata sinistro, tubarão da peste... Yuri fez a sua festa. (Cristina H. Rocha, relato de atuação no Hospital Grajau, pela Associação Viva e Deixe Viver, em 24/06/2016)

Embora a aproximação com aspectos próprios da infância possa influenciar a formação do narrador, não há como determinar se está diretamente relacionada com esta ou aquela característica que o constitui. Posso testemunhar a experiência de minha formação como narradora.

Todos somos uma síntese complexa de experiências. Na infância temos interesse por coisas triviais, encantamento com as mais singelas manifestações da natureza, uma linguagem e uma cosmovisão não formatada, liberdade de atribuir qualquer sentido aos mais diversos contextos, capacidade de ver em um objeto qualquer outra coisa, o dom de imaginar, de inventar palavras, a disponibilidade para o jogo, a curiosidade que transborda.

Acessar a “criança de espírito” me permitiu uma reaproximação com esses aspectos próprios da infância, o que afetou profundamente a minha formação como narradora.

A observação, a escuta e a lida constante com as crianças contagiaram minha alma, me provocaram a nunca olhar o mundo do mesmo jeito, mantiveram vivo o gosto pelo faz de conta. Não me permitiram perder o encantamento com as singelezas.

Em minha atuação como narradora, contadora de histórias, escritora, essa essência emerge e dialoga com a teoria, os aprendizados formais, as experiências mais diversas.

No episódio com Yuri, o que aconteceu? Não me pautei pelos conceitos de bem ou de mal definidos pela sociedade, não julguei se o que ele dizia era agressivo. Simplesmente transformei uma resposta que poderia ser hostil em um jogo compartilhado. Incluir as palavras de Yuri deixou a história inusitada, interessante e ao mesmo tempo engraçada. Um jogo de criança com a criança.

Como narradora, especialmente na relação com adultos, em momentos de tensão, a infância me acontece, me permito ser tomada por uma liberdade tal que o improviso, poema ou um simples gesto surgem inesperadamente. Como se uma nova regra fosse inserida no jogo.

Essa disposição ao jogo me torna uma narradora que atua com as pessoas e não para as pessoas. O “com” significa perceber os outros na parceria, como sujeitos ativos no processo narrativo.

Como narradora abro as portas para emergir a infância poética e curiosa. Espio frestas, cheiro livros, converso com objetos, animais e plantas, invento palavras, nunca me canso das histórias. É assim – entre o sério e o lúdico, o sensível e o concreto, a invenção, a imaginação, a trapaça da língua e correto formal – que me vejo imersa na experiência de compartilhar histórias. A poética da infância é, assim, a melhor parte que me constitui como narradora.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *Aula*. 11^a ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. M. V. Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

GROTWSKI, Jerzy. *Performer*. Trad. Thomas Richards e João Garcia Miguel. 2010. Disponível em:

<<http://textoavoltadaperformance.blogspot.com.br/2010/01/performer.html>>

Acesso em: 15 jul. 2016.

LARROSA Bondía, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, Nº 19.

_____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

OLIVEIRA, Nelson de. *Axis mundi: o jogo de forças na lírica portuguesa contemporânea*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

Nelson de Oliveira

QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 1994.

ROCHA, Cristina H. *Memórias.com/partilhadas: vida, laços, pontos cruzados*. São Paulo: Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCHLESENER, Anita Helena. Educação e infância em alguns escritos de Walter Benjamin. *Paidéia*, jan.-abr. 2011, vol. 21, nº 48, 129-135. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000100015>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem*. Trad. Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.